

## FORMAÇÃO DO EDUCADOR E O DESAFIO DO DESENVOLVIMENTO DO SER SOCIAL NO CENÁRIO ATUAL

Silmara de Mattos Sgoti <sup>1</sup>

### RESUMO

O texto traz a reflexão sobre os desafios da formação do educador no contexto social atual, e o desenvolvimento do Ser Social. Segundo Baumann no mundo líquido moderno, de fato, a solidez das coisas, tanto quanto a solidez das relações humanas, vem sendo interpretada como uma ameaça: a valorização do ter sobre o ser. À luz de Dussel e Paulo Freire pensar em práticas pedagógicas libertadoras, que possibilitem ao sujeito ser crítico e problematizador, e com autonomia realizar suas escolhas, e ter suas soluções para transitar em uma sociedade moderna e líquida. Refletir sobre uma formação do educador para o desenvolvimento do Ser Social em sua integralidade, a BNCC - Base Nacional Comum Curricular - indica a importância dele interagir, explorar, colaborar, ter empatia e ética, e também aponta para a importância de mediar capacitações socioemocionais, para os sujeitos lidarem com as relações humanas e com a rápida transformação provocada pela tecnologia. A partir da pedagogia social pensar em um desenvolvimento crítico em relação as mazelas sociais presentes no mundo moderno e líquido, e assim desenvolver um sujeito criativo e atuante na sociedade em que está inserido. Para isso é preciso revistar a formação docente, e refletir sobre a fratura existente da formação inicial e continuada nos cursos de pedagogia e licenciatura para o exercício da docência em sala de aula na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Formação do Educador; Ser Social; Educação; Pedagogia Social; Autonomia.

### INTRODUÇÃO

A reflexão sobre os desafios dos educadores no desenvolvimento do Ser Social - autônomo em suas decisões, crítico ao cenário posto e participante da transformação da vida social de forma política e consciente do seu entorno - necessita perpassar por uma breve análise do atual cenário sociológico o qual este Ser está inserido, e que o educador terá como âmbito educacional para desenvolvê-lo.

A formação de educadores no atual cenário precisa dar conta das profundas transformações que a sociedade vem passando nos últimos anos. Os cursos de formação de educadores, da graduação a cursos de pós-graduação e extensão, necessitam propor esta reflexão sobre qual cenário este educador irá trabalhar e como ele fora construído.

Deparamos ao desenvolver uma pesquisa de campo em instituições educacionais com

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie - SP, [sil.sgoti@gmail.com](mailto:sil.sgoti@gmail.com)

um âmbito escolar muitas vezes com educadores doentes trabalhando em ambientes de conflitos - violência física e verbal - e vemos constantemente ausência de diálogo. Alunos e educadores desmotivados e doentes. Alunos reativos ao ensino proposto pelo professor, não de forma crítica e sim com uma comunicação violenta, por não encontrarem sentido ao que está sendo proposto como educação. E professores distantes nas relações, com mínima aproximação, devido ao medo de sofrer tal violência, ou por não ter preparo para lidar com tal situação.

Alunos com questões emocionais latentes: crise de ansiedade, depressão e infelizmente alguns chegam ao suicídio. São tomados por falta de perspectiva, e muitas vezes com sonhos roubados, pois muitos estão em vulnerabilidade social, pois na largada da realização do seu projeto de vida, percebem que já estão em desvantagem. E assim não encontram sentido na educação proposta, e muitas vezes na própria vida.

E assim temos a comunidade entorno das instituições educacionais, muitas vezes com uma relação bem distante com o âmbito escolar. Mas ela existe de fato ao lado desta instituição, com todas suas demandas sociais - violência doméstica, comercialização e utilização de drogas crescente, fome, desemprego -, e este Ser que participa desta estrutura social é que vem para dentro da instituição de ensino.

Em contrapartida presenciamos no âmbito escolar educadores, propõem ações para que estes fatos acima mencionados, sejam minimizados para que o propósito do desenvolvimento deste Ser Social seja um objetivo a ser realizado. Estas ações são difusas, não há compartilhamento entre os educadores no Brasil. Temos uma questão séria a ser pensada de como ações que promovem práticas educacionais relevantes possam vir a ser disseminadas em maior escala. Esta é outra questão a ser refletida.

Diante da complexidade da arquitetura social que vivemos no Brasil qual é o lugar da educação? Será que todo professor é um educador social, ou é necessário ser educador social para ser professor? Esta reflexão passa pela discussão da formação do educador.

Para contribuir com a reflexão sobre a formação do educador e seu desafio do desenvolvimento do Ser Social inseridos na atual arquitetura social podemos dialogar com o sociólogo Bauman. Constrói em suas reflexões sobre a educação em seu modelo sociológico utilizando as metáforas da solidez e da liquidez (BAUMAN, 2001). Quando se refere à educação, com base na sociologia crítica, em tempos líquido-modernos diz que a sociedade, desdobrada desde a segunda metade do século XX, vem sofrendo amplas mudanças políticas que impactam profundamente as instâncias constituintes dos sujeitos, entre as quais: o trabalho, a economia, a educação, a cultura e as relações interpessoais.

Na sociedade moderna do século XX segundo ele era sólido-moderna, com base no arranjo social de uma sociedade engajada para a produção de bens e serviços, a característica predominante no tipo de representações e disposições sociais dos indivíduos era pela “ética do trabalho” (BAUMAN, 2000). Dessa forma, a procrastinação dos prazeres individuais era fundamental para se pensar num projeto de vida que estava vinculada ao enraizamento de um determinado tipo de trabalho e arquitetura social.

Para Bauman (2013) a ideia de educação (bildung) planejada e arquitetada para o arranjo social de ordenação da modernidade sólida era equivalente a ideia da paideia grega. Ou seja, apesar das crises que emergiam nos diferentes tempos históricos, a educação tinha como objetivo principal a promessa da “educação para toda a vida”, e comprometia-se para propiciar esse acúmulo de conhecimentos, e o comprometimento com a cidadania. Contudo a educação – no sentido amplo do termo, ou seja, institucionalizada – enfrenta, diante das metamorfoses sociais da modernidade líquida, um desafio diferente das crises anteriores. O arranjo social líquido moderno consumista e individualista, não possui mais a intenção de valorizar características intrínsecas à ideia de educação para “toda a vida”.

Por conseguinte, Bauman (2008b, p. 163) entende que este arranjo social está relacionado com a dissolução universal das identidades, com a desregulamentação e a privatização dos processos de formação de identidade, com a dispersão das autoridades, a polifonia das mensagens de valor e a subsequente fragmentação da vida que caracteriza o mundo em que vivemos.

Uma mudança educacional está cada vez mais ligada ao discurso da eficiência, da competitividade, do custo/eficácia e da "responsabilidade", sendo sua meta declarada comunicar à "força de trabalho" as virtudes da flexibilidade, da mobilidade e "as competências de base associadas ao emprego".

Um dos desafios decisivos da educação permanente está ligado à reconstrução do espaço público hoje cada vez mais desabitado, onde homens e mulheres possam empenhar-se em uma realização contínua dos interesses, dos direitos e dos deveres individuais e comunitários, privados e públicos. Nessa situação, a capacidade de que temos mais necessidade para oferecer à esfera pública uma justa possibilidade de renascimento é a capacidade de interação com os outros: o diálogo, a negociação, a gestão e a resolução dos conflitos, inevitáveis em todos os exemplos de vida em comum.

Bauman nos incita a interpretar o tempo complexo contemporâneo, desvelando possíveis “armadilhas” de uma aparente liberdade de consumo que nos é concedida, e como lidar com as frustração e depressões das promessas inatingíveis, ou para poucos.

A preocupação de Bauman sobre o atual “lugar” da educação se assemelha com a perspectiva de Arendt (2013) e Castoriadis (1999). Segundo Bauman (2014, p.171) a principal missão da educação foi e em sua visão continuará a ser “[...] a preparação de recém-chegados à sociedade para a vida social na qual estão se qualificando a fim de nela ingressar”.

A Educação na sociedade líquida necessita pensar em ser uma mediadora na formação do Ser Social em todas suas dimensões, proporcionar neste mundo incerto de constantes mudanças possibilidades de lidar com os desafios do cotidiano com habilidade e capacidade de escolhas, enfim uma educação integrada e com aprendizado contínuo: das informações e conhecimentos somada a habilidades socioemocionais.

Portanto vemos nas reflexões de Bauman relevantes apontamentos para uma formação de educador mais aderente ao mundo moderno, que apresenta estruturas sociais líquidas, fluídas e hipersaturadas de informações. É necessário pensar em cursos de formação de educadores que dialoguem sobre este mundo moderno líquido, e a atuação do educador no desenvolvimento do Ser Social no cenário atual, e qual o lugar da educação neste processo.

### **O desafio da formação do educador no cenário atual**

Visualizamos, nestes tempos líquido-modernos, notáveis modificações no campo da educação, e no próprio significado do conhecimento e na sua forma de produção, distribuição, aquisição, assimilação e utilização. Nesse sentido, a educação precisa se alimentar não apenas de conhecimento, mas de pensamento crítico.

O papel de educadores é central na educação escolar a qual se concretiza a partir da ação dos trabalhadores da educação nas condições estruturantes de políticas e programas educacionais e das posturas legislativas. No entanto, o trabalho de educadores também se constitui a partir de mediações e relações constituídas no campo da ação cotidiana, nas dinâmicas escolares, em processos dialógicos onde se criam espaços de práticas conservadoras e/ou transformadoras que geram, na simultaneidade das relações pedagógicas alunos-professores, as possibilidades de recriações de sentidos e significações de conhecimentos e valores pelas intersubjetividades.

A questão da formação de professores se torna um problema social na medida de sua relevância e por conta do trato incerto que tem merecido mediante políticas descontinuadas e pela pouca discussão social relativa a seu valor social concreto na contemporaneidade, bem como sobre os fundamentos dessa formação e das práticas a ela associadas.

Discutir a formação de professores analisando ações políticas e dados educacionais que despontaram durante a década atual. Propõe-se uma visita aos documentos relativos às políticas docentes e às formações, inicial e continuada, aos dados relativos à educação básica e à docência nesse nível educacional, os relativos aos estudantes nas licenciaturas e aos formadores de professores, garimpar quais mudanças se revelam nesse cenário, investigando possíveis inovações emergentes em legislações, normas, orientações, propostas de cursos, propostas formativas em serviço. Como pano de fundo, e referência para compreensão de situações atuais, é trazida uma visão da história da formação de professores no país e os desafios que na sociedade contemporânea são colocados aos processos de escolarização e de formação para o exercício da docência.

A educação ainda se encontra envolta nos grandes ideais das metanarrativas modernas, porém, como apresentado, percebemos que essas metanarrativas não sustentam com firmeza os pilares modernos, os quais estão abalados diante das transformações ocorridas na denominada Modernidade Líquida.

Para Bauman embora os poderes do atual sistema educacional pareçam limitados, e ele próprio seja cada vez mais submetido ao jogo consumista, esse sistema ainda tem poderes de transformação suficientes para ser considerado um dos fatores promissores para essa revolução. Há um menosprezo desalentador com que se trata a escola. Entretanto, é pela escola que deveríamos recomeçar, pois a escola tem a:

“capacidade de representar fielmente o mundo. Mas como fazer quando o mundo muda de uma forma que desafia constantemente a verdade do saber existente, pegando de surpresa até os mais “bem-informados?” (BAUMAN, 2010, p. 43).

No passado, a educação assumia muitas formas e adaptava-se às circunstâncias mutáveis. Entretanto, as mudanças presentes são diferentes e pressupõem desafios nunca antes enfrentados. “A arte de viver num mundo hipersaturado de informação ainda não foi apreendida. E o mesmo vale também para a arte ainda mais difícil de preparar os homens para esse tipo de vida” (BAUMAN, 2010, p. 60).

O trabalho pedagógico é a essência das atividades escolares e, portanto, a essência do trabalho dos professores. Trabalho que, como em outros setores da atividade humana, precisa ser aprendido, e, para o qual já se consolidaram conhecimentos. A docência deixou de ser uma ação espontânea, que pode ser desenvolvida por intuições, apenas, para se tornar campo de ação com base em fundamentos filosófico-sociais, histórico-psicológicos e fundamentos de práticas

específicas que demandam domínio de conhecimentos integrados a conhecimentos científicos e humanistas para a ação educacional voltada às novas gerações, em que linguagens, tecnologias e estruturas interpretativas constituem seu cerne.

Os conhecimentos integrados precisam ser a base de formação do educador, presente nos cursos de formação inicial e continuada. A concepção defendida por Rodrigues (1991) ecoa em muitas das discussões atuais. Considera a educação escolar como “... o processo mínimo indispensável para que todos os indivíduos de uma determinada sociedade histórica completem a sua adequada formação humana para que se tornem um ser social, ou melhor, um ente cultural”.

Ao que acrescenta que “sema Educação Básica, os indivíduos historicamente existentes são seres culturalmente incompletos, logo parcialmente interditados para o pleno gozo de todos os recursos disponíveis na vida social” (RODRIGUES, 1991, p. 12). Esta concepção coloca a educação escolar em outro patamar, como também coloca a formação de professores em perspectiva que se diferencia do privilégio dado apenas aos conhecimentos formais, e, sem desprezá-los, coloca-os na intersecção com uma formação integral e mais integrada de pessoas em seu contexto histórico-social.

O que Rodrigues (1991) nos propõe leva a considerar o trabalho dos professores como profissionais do ensino na vertente de oferecer às novas gerações condições de apropriação de conhecimentos relevantes à vida humana, aos conhecimentos sobre a natureza e a vida social e comunitária, mas também envolve a formação de pessoas em valores, atitudes, relações construtivas, colaborativas, ou seja, a formação como pessoas que partilham responsabilidades, uma formação que lhes permita exercer a cidadania com a consciência clara de direitos e deveres, dos cuidados de si e do outro, do valor do meio ambiente.

Sua formação, nessa perspectiva, abrange não só os conhecimentos relativos à sua área de atuação, ao domínio de metodologias e práticas essenciais ao desenvolvimento de seu trabalho, mas, associada a esses conhecimentos, uma formação cultural e humanista que lhes permita compreender e problematizar a realidade social e seu trabalho futuro: ensinar formando a outrem, e nessa relação formando-se continuamente, também.

### **A Pedagogia Libertadora: a possibilidade da formação do Ser Social**

A formação qualitativa do educador é a mola propulsora de um sistema educacional que deverá lidar com às necessidades desta sociedade líquido-moderna. Este educador mediará conhecimento para a formação de um sujeito autônomo, reflexivo, pensante, criativo,

(83) 3322.3222

[contato@conedu.com.br](mailto:contato@conedu.com.br)

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

cooperativo e inventivo. Freire (1996) enfatiza a formação do professor com base na prática educativa reflexiva, fundada na ética, respeito e autonomia do aluno. Por uma pedagogia libertadora.

Cabe, agora, voltarmos-nos à relação entre educador e aluno. Se a pedagógica se constitui como nível indispensável para a possibilidade de uma nova ordem, o espaço da sala de aula se apresenta como muito mais importante do que um mero exercício profissional do docente: ali se trava uma relação que, em âmbito micropolítico, tem ressonâncias macropolíticas. Dito de outro modo, a sala de aula é o espaço onde se ensaia – e, em certa medida, realiza-se de fato – uma nova ordem, não baseada na submissão do aluno ao professor, mas sim na relação de alteridade. A educação se dá no campo das relações, na aproximação professor/aluno.

A pedagógica de Dussel aponta para a superação de uma prática de educação dominadora, com vistas à constituição de uma prática libertadora (HICKER, 2005, p.66). Isto porque, na educação baseada na submissão, o aluno se anula e é anulado no processo de estudo. Ele não é livre e, portanto, não poderá desenvolver em si nenhuma perspectiva libertadora. Uma prática docente que tenha a libertação como horizonte deverá ter como características a "dialogicidade, a criticidade, a criatividade e a participação democrática" (HICKER, 2005, p.68).

Para Dussel, a passagem do modelo dominador, em sentido amplo, que gera alienação do oprimido, para a um modelo que produza a liberdade, a consciência crítica, só se dá "pela libertação pedagógica" (DUSSEL, 1973, p.144).

Ao tratar da aplicação da pedagógica diretamente à relação entre mestre e discípulo ou professor e aluno, Dussel faz referência aos dois modelos que se contrapõem – a ontologia da totalidade e a metafísica da alteridade:

Tudo está em que método pedagógico se deve utilizar. Há métodos que lutam contra a Totalidade pretendendo instaurar uma nova dominação; há outros que negam a Totalidade fechada e intentam abri-la à Alteridade (DUSSEL, 1973, p.144).

Podemos concluir que o nível da pedagógica na filosofia de Dussel “propõe uma leitura crítica da atitude do professor e dos modelos educacionais existentes”, de forma a questionar "os conteúdos e todo o sistema sócio-político e econômico" (HICKERT, 2005, p.70). Está aí a base de uma educação crítica: aquela que, ao contrário do modelo dominador, considera o aluno como sujeito (KESTRING, 2003, p.55).

O pensamento de Paulo Freire vai na mesma direção do de Dussel, sobretudo no aspecto dialógico. Freire se insurge contra um modelo social desumano e educacional narrativo/dissertativo que encerra a relação mestre-educando na referência opressiva do sujeito ativo e do objeto passivo (FREIRE, 1983). As relações, neste modelo proposto por Freire, dão-se em pé de igualdade; daí a expressão freiriana clássica segundo a qual "ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo" (FREIRE, 1983, p.79).

A educação dialógico-problematizadora tem como horizonte último a libertação dos oprimidos; por isso, o pedagogo mesmo se define: "O meu ponto de vista é o dos 'condenados da Terra, o dos excluídos" (FREIRE, 1996, p.16).

Torna-se possível, ainda, evidenciar a relevância política da relação professor/aluno: eles realizam na sala de aula um ensaio para a vida social, ou seja, ali se prepara uma sociedade que pode se guiar pelo princípio da totalidade dominadora ou sob a perspectiva da alteridade libertadora. Aproximando Dussel de Freire, o estudo da pedagógica se associa ao estudo da educação problematizadora, tornando-se possível tomar a educação no seu papel político fundamental: a formação de um povo, de uma nação, de um Estado. Isto nos faz pensar que, na perspectiva dusseliana, a educação:

[...] tem por missão também o desenvolvimento da consciência de responsabilidade ética entre os professores, alunos, direção e sistema educativo, contribuindo com sua formação de cidadãos responsáveis na sociedade (KESTRING, 2003, p.65).

Com isto, podemos dizer que a pedagógica levanta a possibilidade da crítica não só ao aspecto restrito da relação entre professor e aluno e mesmo ao chamado sistema educacional, mas também a todo o modo de organização da sociedade.

Eis um ponto que merece aprofundamento: para se pensar numa realidade de libertação entre pais e filhos, professor e aluno e na vida social, torna-se igualmente necessário realizar a crítica ao modelo estrutural de sociedade latinoamericana, fundado sobre a dominação, a alienação e a exploração, com vistas a modificá-lo. É um desafio imenso que exige de nós não apenas empenho teórico, mas, sobretudo, a adoção daquilo que Freire denominou o ponto de vista dos condenados da terra.

Vemos na atuação do Educador Social, que tem como base de formação a Pedagogia Social, uma luz para iniciar uma discussão de formação pedagógica para o professor da

educação formal institucionalizada dar conta das demandas sociais atuais na sociedade moderna e líquida. Como diz o autor João Clemente (2010) sobre a atuação do Educador Social:

O contexto de ação do educador social, caracterizado pela ação de grupos religiosos ideológicos e organizados, disputas políticas religiosas, experiências de injustiças, perdas e frustrações, exige dele capacidade de intervir pedagogicamente na realidade e de mediar relações, para abrir perspectivas de desenvolvimento individual e social (SOUZA NETO, 2010).

Este contexto que o Educador social está inserido difere do âmbito escolar formal, sejam nas escolas públicas ou privadas, que atuam os professores, mas é certo que há presença de pontos críticos muito semelhantes. A escola é celeiro da sociedade que convive hoje com uma grande pluralidade social, étnica e religiosa, onde infelizmente por vezes, há discriminação e exclusão de grupos de maior vulnerabilidade.

Há uma grande preocupação com os jovens nas escolas, onde os índices de suicídios vem crescendo, segundo dados governamentais, um dos motivos apresentados é a incapacidade de lidar com as frustrações do mundo moderno. O uso de ansiolítico para conter o processo de pensamentos acelerados e déficit de atenção, segundo especialistas apontam, é o consumo rápido e volumosos de informações por meio de tecnologias. Bem como para os adultos a mão-de-obra exigida pelo mercado de trabalho diz: “se qualifiquem, aprendam tecnologia senão não sobreviveram”, e assim convivem com o fantasma do desemprego, e com isso a opressão gera depressão.

Portanto a mesma capacitação para um educador social é necessária para o professor que atua em sala de aula na educação institucionalizada. Precisa ter preparo para intervir nas situações postas por alunos que estão cada vez mais doentes emocionalmente. E assim continuamos na reflexão de João Clemente (2010) sobre o educador social “sua capacidade criativa e seu modo de intervenção constituem um tecido social que ajuda a compreender e extrair forças libertadoras de uma sociedade multiforme, contraditória e desafiadora” (SOUZA NETO, 2010).

Como Bauman (2013b) coloca, a educação está inserida neste contexto, e precisa de uma pedagogia que dê conta de formar um sujeito que saiba transitar e produzir com a utilização da educação, transformação social, ou minimamente intervir politicamente para ter uma vida coletiva melhor. Para tanto o educador precisa desenvolver um sujeito integral com práticas pedagógicas emancipatórias, e que só ocorre se sua formação for mediada por um processo de ensino aprendizagem que ele seja o protagonista. A educação social desenvolve o sujeito em todas as dimensões:

A educação social leva em conta o desenvolvimento físico, moral, estético e intelectual de grupos em conflito social, marginalizado, com dificuldades econômicas e que necessitam desenvolver processos de convivência e aprendizagem [...] Portanto somente será possível pensar em uma prática emancipadora quando se levar em conta o protagonismo do sujeito (SOUZA NETO, 2010).

É certo que o âmbito escolar institucionalizado dito formal difere com o contexto da atuação do educador social que extrapolo os muros das escolas, e assim nem todo educador social atua como um professor formado pelas pedagogias praticadas no âmbito escolar formal. Porém com esta pequena reflexão observamos que é possível e imprescindível que todo professor seja formado para ser um educador social. Seria uma capacitação apropriada para atuar no âmbito escolar na modernidade líquida, e mediar uma educação onde seria levada em consideração o sujeito protagonista, autônomo nas suas decisões e com um olhar mais coletivo problematizando as questões sociais e pensando em soluções para as mazelas tão latentes em nossa atualidade. E assim quem sabe romper com um cenário educacional institucionalizado atual que:

O que prevalece sobretudo nas escolas, é preparar o sujeito para ser produtor e consumidor do mercado. Tudo se transforma em estruturas de concreto, metal, plástico e vidro, para a garantia do consumo ainda que isso prejudique a vida das pessoas e do planeta (SOUZA NETO, 2010).

A educação social, desenvolvida sob a égide da pedagogia social, traz possibilidades, para o professor da educação formal, atuar como um mediador mais sincronizado com as demandas sociais originadas na atual sociedade moderna e líquida. A qual as relações sociais estão cada vez mais fluídas: fragmentado, individualizado, consumista, e com a perda substancial do olhar coletivo para as mazelas sociais

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O mundo está mudando: existe tecnologia e muita criação de conhecimento. O trabalho e o cotidiano são outros, se comparados com a realidade de poucos anos atrás. Por isso, há diversos países que repensam seus padrões e currículos. Os alunos têm um papel de liderança e trabalham em equipe.

A necessidade do protagonismo do sujeito autônomo, crítico- problematizador em todas as suas dimensões – política, social e econômica – enfim tem como desafio proposto ao educador mediar uma educação que seja um trânsito para o desenvolvimento do Ser social como diz Dussel e Freire: libertadora - na base das reflexões e críticas da sociedade em que está inserido.

Para tanto é necessário pensar em uma formação inicial e continuada de educadores a partir de um currículo integral que trabalhe na formação os aspectos científicos tecnológicos, mas em igual valor os processos humanísticos e social-filosóficos.

No novo currículo brasileiro, BNCC, o texto indica a importância de interagir, explorar, colaborar, ter empatia e ética. É importante lidar com a aprendizagem socioemocional, até porque isso vai ser necessário na aquisição dos conteúdos. Por toda a vida, como já dizia Paulo Freire, as pessoas precisam aprender, se sentirem capazes disso e de desenvolver sua própria identidade como pessoa capaz de saber mais.

Mas como nem sempre os professores tiveram a vivência de aprender dessa forma, é importante mostrarmos a eles outras maneiras de trabalhar. Às vezes não basta ler para incorporar essas ideias. Além disso, as políticas de contratação, retenção, formação e salário também devem ser levadas em conta porque moldam o desempenho e a aprendizagem profissional dos educadores.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **Entre o passado e o futuro**. 7. ed. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BAUMAN, Z. **Modernidade e Ambivalência**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.

\_\_\_\_\_. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Trad. José Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Vida Líquida**. 2. ed. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. **A Ética é possível num mundo de consumidores?** Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_. **A cultura no mundo líquido-moderno.** Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013a.

\_\_\_\_\_. **Sobre educação e juventude.** Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013b.

\_\_\_\_\_. **Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida.** Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

CASTORIADIS, C. **Encruzilhadas do labirinto V: Feito e a ser feito.** Trad. Lílian do Valle. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

DUSSEL, E. **Para una ética de la liberación latinoamericana I.** Buenos Aires: Ed. Siglo XXI, 1973.

\_\_\_\_\_. **Filosofía Ética Latinoamericana: de la erótica a la pedagógica de la liberación.** Vol. 6/III. México: Ed. Edicol, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1983.

\_\_\_\_\_. **Filosofía de la liberación.** 4. ed. Bogotá: Ed. Nueva América, 1996.

HICKER, Carmen. **Enrique Dussel: o professor à luz do conceito de mestre em uma práxis pedagógica libertadora.** 2005. 100 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2005.

KESTRING, Bernardo. **Educação política do professor e a formação para a cidadania.** 2003. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2003.

RODRIGUES, N. Responsabilidade do estado e da sociedade. **Tecnologia educacional**, v. 20, n. 101, p. 12-19, 1991.

SOUZA NETO, João C. **Pedagogia Social: a formação do educador social e seu campo de atuação.** Cadernos de Pesquisa em Educação PPGE-UFES, Vitória, v.6, n.32, p.29-64, jul./dez. 2010.